CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
FRANK BORZAGE – O LUGAR MAIS SAGRADO
3 e 6 de novembro de 2026

BAD GIRL / 1931
Uma Jóia de Rapariga

Um filme de Frank Borzage

Realização: Frank Borzage / Argumento: Edwin Burke, segundo uma peça de Vina Delmar e Brian Marlowe, adaptada de um romance de Vina Delwar/ Fotografia: Chester Lyons / Som: G.P. Costello / Montagem: Margaret Ciancy / Intérpretes: Sally Eilers (Dorothy Haley), James Dunn (Eddie Collins), Minna Gombel (Edna Drigs), William Pawley (Jim Haley), George Irving (Dr. Burgess), Frank Darien (Lathrop).

Produção: Fox / Cópia: em 35mm, preto e branco, versão original legendada eletronicamente em português / Duração: 90 minutos / Estreia Mundial: Roxy, Nova Iorque, a 14 de Agosto de l93l / Estreia em Portugal: Odeon, a 18 de Abril de 1932. / Primeira exibição na Cinemateca: maio de 1990, "Ciclo Frank Borzage".

Mesmo que **Bad Girl** não seja um dos melhores filmes de Frank Borzage, representa um momento incontornável na sua obra. Pela primeira vez o realizador trata directamente do mundo que o rodeia, uma América em crise económica, com milhões de pessoas enfrentando o medo do desemprego e/ou de perderem a casa. O mundo dos John Doe, de sonhos frustrados e inquietação. Foi possivelmente este tema, e a mensagem de esperança que deixa no final, que terá levado a então novel Academia de Artes e Ciências de Hollywood a atribuir a Borzage o segundo Oscar como realizador. Porque se o compararmos com outro candidato ao prémio, Sternberg com **Shangai Express**, o trabalho de Borzage surge menos rico quer visualmente quer no rigor da narrativa. Em apoio deste argumento está também o facto de **Bad Girl** ter ganho também o Oscar para o melhor argumento (falhou o de melhor filme entregue a **Grand Hotel**, de Edmond Goulding). Pelo que se vê, nos seus mais de noventa anos de existência, a forma de escolha dos premiados tem permanecido mais ou menos invariável.
Seja como for, e apesar das suas fraquezas, principalmente de argumento, **Bad Girl** é, pelo que atrás se disse, uma obra fundamental, que contém wmitsa das soluções visuais e ideias que Borzage expõe, de forma perfeita, em filmes seguintes. Particulamente dois, **Man's Castle** e **Little Man, What Now?**, de que **Bad Girl** surge como um ensaio. No fim de contas, ao contrário do que se dizia, se Borzage foi o primeiro a abordar a Depressão económica no cinema, não terá sido em **Man's Castle**, mas já dois anos antes neste filme. É verdade que é apenas naquele que tudo surge exposto de forma clara, mas de forma difusa já muita coisa está aqui presente. **Bad Girl**, **Man's Castle** e **Little Man, What Now?,** têm muitos pontos em comum. Em todos eles se confrontam num casal o desejo de estabilidade da mulher e os sonhos e ilussões do homem, que nunca ultrapassa a mediania. E em todos essa estabilidade (ou promessa) é anunciada pelo nascimento de um filho. Em todos um momento de crise ameaça a felicidade do par colocando-o à beira da ruptura. Crise que tem por causa as dificuldades económicas que se acumulam. Mas em **Bad Girl** não há ainda (por culpa do argumento) a dimensão lírica, a transfiguração espiritual por que passa o casal nos filmes seguintes.
Bad Girl começa de forma similar aos filmes seguintes, com um jogo de ilusão que

corresponde também à melhor sequência do filme (Borzage puro, se me permitem a expressão). Em grande plano a câmara apanha um ramalhete de flores, que uma mulher leva nas mãos e entrega a Dorothy, deslumbrante no seu vestido de noiva. Um plano fabuloso enquadra-a no centro de duas filas de damas de honor a caminho da saída do aposento. Só então nos apercebemos de que não se trata de um casamento e sim de um desfile de modas. A mesma ilusão que se desfazia num movimento de câmara em **Man's Castle** desaparece aqui de forma idêntica. Borzage transporta-nos então para um mundo realista, e por vezes deprimente (as alusões à prostituição, os habitantes do prédio de Dorothy), mas por um caminho ainda marcado pela fantasia, um local de prazer, o Luna-Parque de Coney Island. Já King Vidor em **The Crowd** e Fejos em **Lonesome** utilizavam o mesmo cenário para ponto de partida de uma história sentimental. Só que neles, o local de diversão constituía um elemento fundamental da intriga, enquanto que em Borzage se limita a servir de pano de fundo para o encontro do par, como o banco de jardim de **Man's Castle**. Como o desfile inicial é também um puro jogo de ilusão.

Duas outras sequências no filme mostram essa relação com **Man's Castle** e **Little Man**...: a visita ao telhado do novo apartamento, onde a cidade aparece estranhamente distante e separada do casal (esta e a do vestido de noiva serão unidas de forma magistral na sequência das águas furtadas de **Little Man**...) e o plano de Eddie diante da montra com a mobília (que tem a mesma função de simbolizar a estabilidade desejada pela mulher, que terá o fogão em **Man's Castle**. Como nestes filmes também a gravidez vai ter à partida um papel de perturbação: Dorothy receia contar a Eddie o seu estado, e o reflexo que a notícia terá no desfazer dos sonhos (Eddie saberá da noticia pelos amigos) mas acabará por ser, também, o elemento aglutinador. Cada um desconfia à partida que o outro não deseja a criança. Se Eddie, em segredo, se torna pugilista para pagar a um bom especialista (a opção é uma das mais gritantes falhas do argumento, exposta em termos simplistas que culmina no diálogo no ringue com o adversário), Dorothy, que o ignora julga-se abandonada e parte só para a maternidade deixando o marido na rua. Será apenas o momento de pânico final (em que julga o bebé doente) que restabelecerá a harmonia (é também uma criança, mas dessa vez com a sua morte, que contribuiu para o reencontro do casal de **Daddy's Gone a-Hunting**). Com a esperança renascida, transmitida pelo filho (**Little Man, What Now?**) Eddie e Dorothy podem enfrentar o mundo adverso que os espera à saída.

A arte de Borzage não se encontra só nas sequências referidas. Outros momentos trazem a sua assinatura inconfundível, no uso das elipses, na exposição de um erotismo que não sendo explicito não é menos evidente. Neste caso temos a belíssima sequência da entrega de Dorothy. Depois de esperar em vão por Eddie, numa rua à chuva que a torna suspeita e alvo de propostas por parte de alguns transeuntes, dirige-se para casa dele. Da janela vê-se a chuva cair. Ao amplexo dos dois segue-se um *fade out* seguido de um *fade in* que os mostra nos braços um do outro. Quanto tempo passou saberemos no plano seguinte quando Eddie a leva a casa e, pelas escadas, desce o leiteiro. E também a sequência final, na maternidade, com os sucessivos bebés que apresentam a Dorothy, em particular no belíssimo plano da mãe que canta com o filho nos braços. Sinal de esperança e confiança que se transmite a Dorothy e Eddie.

Bad Girl não tem o esplendor dos dois filmes de que se aproxima, nem Sally Eilers, apesar de perfeita no papel, é Loretta Young ou Margaret Sullavan, mas é uma obra que, para além do testemunho que dá do seu tempo, manifesta a mesma paixão pelos personagens, esses John e Mary Doe que Borzage tão bem soube pintar.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito em 1990.